

SESSÕES DO PLENÁRIO

23ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 28 de julho de 2022.

PRESIDENTE: DEPUTADO ROBINSON ALMEIDA (Ad hoc)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao cantor e compositor Raimundo Nonato da Cruz, conhecido nacionalmente como Chocolate da Bahia, nos termos do Projeto de Resolução nº 1.746, de 21 de dezembro de 2016, de autoria do ex-deputado estadual e, atualmente, deputado federal Pastor Sargento Isidório; requerida pelo deputado Robinson Almeida.

Bom dia a todos e a todas.

Sejam muito bem-vindos e muito bem-vindas.

Convido, para compor a Mesa, a Sr.^a Verônica Nonato, diretora do Centro de Culturas Populares e Identitárias da Secretaria de Cultura da Bahia; o Sr. Emiliano José, jornalista, escritor, ex-deputado federal, ex-deputado estadual e membro da Academia de Letras da Bahia; a Sr.^a Ana Guerreiro, líder comunitária e irmã do homenageado; o Sr. Clarindo Silva, jornalista, escritor, poeta, compositor e agitador cultural; a Sr.^a Alessandra Carvalho da Cruz, historiadora e filha do homenageado; o Sr. Valter Cruz, professor da Uneb e sobrinho do homenageado; o Sr. Nelson Rufino, cantor e compositor; o Sr. Walmir Lima, cantor e compositor; o Sr. Robson Wagner, sócio-diretor da W4 Comunicação; e o Sr. Gerônimo, cantor e compositor. (Palmas)

Solicito ao Cerimonial conduzir, a este recinto, o nosso homenageado, cantor e compositor Raimundo Nonato da Cruz, Chocolate da Bahia. (Palmas)

(O homenageado é conduzido ao Plenário.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Convido todos os presentes para ouvir o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Como o requerente da sessão especial, farei o meu pronunciamento.

O Sr. ROBINSON ALMEIDA LULA: Quero justificar a ausência do autor da proposição, o deputado federal Pastor Sargento Isidório, que, em 2016, fez esta solicitação. Em comum acordo, nós combinamos fazer a entrega desta homenagem no dia de hoje.

Registro as ilustres presenças das minhas colegas deputadas Olívia Santana e Maria del Carmen. (Palmas)

Boa tarde a todos e a todas, novamente!

Muito obrigado pelas presenças.

Hoje é um dia especial, um dia desta Casa, da Assembleia Legislativa, render uma justa homenagem a um ilustre brasileiro, a um ilustre baiano, a um ilustre soteropolitano.

Eu conheço Chocolate há 15 anos, desde 2007. Quando me tornei secretário de Comunicação, no governo Wagner, nós desenvolvemos uma amizade, que era de um fã e passou a ser um amigo. Depois, eu descobri que Chocolate era meu vizinho. A gente morava muito perto, entre a Federação e o Rio Vermelho. A nossa amizade se estendeu, também, para o bairro.

Aos finais de semana, à tarde, eu ia caminhar com minha esposa, ali, na orla do Rio Vermelho, descendo aquela parte mais de ladeira, até chegar no Largo de Santana, ao final da Cardeal da Silva. Eu ouvi um “fiu-fiu”. Como eu estava com a minha esposa do lado, eu falei: “Você está com Ibope grande. Estão assoviando para você.” Ela olhou para mim e disse: “Não, é para você o assovio. Olhe para o lado.” Quando olhei para o lado, numa janela, estava Chocolate da Bahia gritando: “Robinho, meu amor!” (Risos) Este é Chocolate na Bahia. (Palmas)

Vou passar a ler uma síntese da trajetória de Chocolate, elaborada pelo imortal Emiliano José, que retrata, de uma forma abrangente, um pouco de tudo que Chocolate fez durante a sua existência.

(Lê) “*Chocolate da Bahia*
Tá rebocado, Piripicado.

A gente pensa, nos nossos devaneios, conhecer o mundo. Conhecer as pessoas.

Mas, conhecer mesmo, ah, seu moço, é coisa cheia de dificuldade.

Requer sabedoria, paciência.

Vida passa, passa, e a gente vai conhecendo um pouquinho.

Um pouquinho da vida, do mundo, das pessoas.

Não queira muito mais não, meu senhor, minha senhora.

Conhecer um pouquinho já está bom.

Tome tenência e se assossegue.

Eu ouvia aqui, nesta terra sagrada, minha Bahia, falar em entidade.

Coisa do candomblé.

Entidade, orixás.

Coisa de muito respeito, de reverência, que na Bahia é bom reverenciar os orixás.

Também ouvia falar de pessoas a quem se atribuía a condição de entidade.

Tal Pessoa é uma Entidade

Tentava decifrar - o que é uma pessoa-entidade?

E de repente, na correria da vida, deparei com uma pessoa assim.

Entidade em carne e osso.

Chocolate da Bahia.

É, ele é uma entidade.

A gente tem a mania de recorrer ao nome de batismo.

Adiantaria dizer assim pomposamente o nome dele: Raimundo Nonato da Cruz?

Nada.

*Ele foi rebatizado como entidade.
É Chocolate da Bahia.
E ponto.
Nascido no meio da guerra, na Cidade do Salvador, no ano de 1943.
Filho de Odete.
E de João Cupertino, sapateiro de ofício e comunista de profissão.
Tive conhecimento de um projeto de resolução na Casa, do deputado Sargento Isidório, atribuindo a Comenda Dois de Julho a Chocolate da Bahia.
Achei justo e resolvi seguir adiante com a proposição.
E mergulhei atrás de conhecê-lo melhor.
Volta e meia nos batíamos, até calorosamente.
Mas nunca havia parado para saber – assim, de perto – com quem estava lidando.
E descobri a Entidade.
Descobri Chocolate da Bahia.
Como se apresentado a um capitão de areia.
‘Menino quem foi seu mestre?’
Do primeiro mestre, a gente jamais esquece.
Camafeu de Oxóssi.
Foi mestre, foi segundo pai.
Deu a ele todas as lições do mundo antigo e do mundo novo.
Foi apresentado ao candomblé também por ele.
O grande Camafeu de Oxóssi, obá de Xangô, mestre de capoeira, e pai do Mercado Modelo.
O primeiro Mestre.
Ensinou a ele como se mexer no mundo.
A como ser malandro, como ser da boa malandragem.
Aprendeu: ‘malandro é malandro, Mané é Mané.’
Do Mestre se recorda, e bem: tocador de berimbau, de pandeiro, cantor de samba, de capoeira, um inventor.
E do candomblé, falava iorubá.
Sabia se segurar, não se vender.
Aprendeu com ele: um negro pode se afirmar pelos seus próprios valores.
E sentia nele a convicção orgulhosa: era um dos grandes da Bahia – conquistara essa condição.
Riachão, Panela, Batatinha – outros mestres.
Amigos de toda a vida.
‘Menino quem foi seu mestre?’
Perdeu pai, esse menino, quando contava 11 anos. E, então danou-se a entrar em beco, sair em beco, subir ladeira, descer ladeira, caminhos dessa Salvador estranha e bela, vendendo figurinhas e balas, aprendendo o mundo, mundo, vasto mundo e eu me chamo Raimundo, dormindo nos carros velhos do centro da cidade.
Ah, foi então a capoeira.
Foi então Bimba, não é?
‘Menino quem foi o seu mestre?’*

Então Pastinha.

E tinha Canjiquinha.

E havia Caiçara.

Mestres de mão cheia, de dar inveja, inveja boa.

Aprendeu a capoeira.

Aprendeu armada, Aú, bônção, cabeçada. E mais que tudo, ginga, a lhe ensinar a enfrentar a vida, às vezes desviar-se, não partir para o confronto à toa, murro em ponta de faca.

E encontrava cada tocador de instrumento, daqueles de fazer gosto, de encher os ouvidos, a se espalhar pelas ruas da cidade... e ele ouvindo.

Repentistas de fazer susto, de causar admiração a quem passasse ali, pelo Mercado Modelo, casa dele.

Como aprendiam aquilo assim, de repente, desafios e duetos, e o povo a ajuntar, a se entusiasmar, a fazer a roda?

De onde nascia tanta sabedoria?

Foi essa a escola do Chocolate da Bahia, primeira escola, insubstituível.

‘Menino quem foi seu mestre?’

Não, não teve escola de música.

Começou ali, na Universidade: Mercado Modelo.

É, sim, meu senhor, repare, o Mercado Modelo é universidade.

Foi para Chocolate da Bahia.

Dali, veio a intimidade com o quadrado dentro ‘quero ver descer/quero ver subir/quero ver as cadeiras bulir’.

O samba, ele foi sentindo, tá no sangue, tá no pé.

O ruído do samba, os ruídos do samba o tomaram por inteiro desde cedo ali, no Mercado Modelo.

Aprendeu: o samba é de todo baiano.

De todo barraqueiro do Mercado Modelo.

De todo rampeiro.

De todas as pessoas do Candomblé.

De todas as rodas de capoeira.

Tudo junto e misturado.

O Mercado Modelo e a rua foram suas escolas.

‘Menino quem foi seu mestre?’

Cantando, cantando, aprendendo, aprendendo.

E fazendo conceito do samba do Mercado Modelo, que universidade reclama conceito:

– ‘Era um samba do Recôncavo olhando para a cidade.’

Tá legal: o samba de roda do Mercado Modelo era urbano.

Nascia da espontaneidade e do gingado e da malandragem dos frequentadores, dos barraqueiros, dos capoeiristas, identificados com os ritmos e os sons da cidade do Salvador.

Mas, minhas senhoras, meus senhores, não se enganem: esse samba, ao mesmo tempo, recebia e absorvia influências de fora, especialmente do mundo negro do Recôncavo, onde – havia muito tempo – se praticava samba de roda.

Então, ele resumiu:

– ‘Samba do Recôncavo olhando para a cidade.’

Berimbau, aprendeu a tocar como ninguém – roda de capoeira ensina.

Atabaque, com ele mesmo - Candomblé ajudou.

Tudo isso fazia parte do dia a dia dele, inclusive cantar.

‘Me dá um birinaite que eu já tô quase doidão/me dá birinaite com batida de limão.’

Ele cantava isso e logo se fazia uma rodinha de samba sem vergonha, como ele gostava de definir.

Do samba, desde cedo, aprendendo com mestres maiores.

Aprendendo sempre: a vida é difícil, luta renhida, nada de chorar, é lutar.

Sempre.

Soube sempre se virar em meio ao turbilhão de dificuldades que é a vida.

É safo – como diz o amigo Gerônimo que completa: ‘Chocolate da Bahia não teve o imenso valor dele reconhecido, foi subestimado.’

Mas não pode negar, Chocolate da Bahia não nega, é de justiça lembrar: foi juntando amigos pela vida.

Desde cedo teve todo o sentimento do mundo para fazer amigos.

Jorge Amado, Dorival Caymmi, como esquecer desses dois gigantes?

Do carinho deles?

Amigos até debaixo d'água.

Sobre a Entidade, Capinan exaltou: Chocolate da Bahia é a expressão simples e direta da cultura popular, de sempre fazer bonito, e sem arrastar-se diante do mercado.

Capinan está certo: fazer bonito.

Com naturalidade, ele sempre soube fazer bonito.

E fazer bonito não é pra qualquer um.

Tão bonito fez, encantou tanta gente.

Capitão de areia, homem da poesia, do samba, do verso, Chocolate da Bahia.

Mestres, teve e reconhece.

‘Menino quem foi seu mestre?’

Ele mexe na memória e não esquece.

É pecado esquecer mestres.

Um deles, mestre, regente, lenda: Nelson Babalaô.

Nessa fonte, muita gente foi beber, dançar e aprender nas rodas do Pau Miúdo, o barraco de Babalaô reunia sambistas da velha Bahia.

Chocolate ali, feito menino assanhado, rapaz deslumbrado, diante da enciclopédia do samba.

No barraco, na Sapataria de Babalaô de tudo se aprendia, mais e mais ainda o samba.

Quase numa oração, numa reverência profunda, Chocolate da Bahia diz:

– ‘Nelson Babalaô era o pai de todos nós.’

Na mídia local, aparecia como o mais humilde e o menos famoso. Mas, os sambistas o tinham como uma referência essencial. Sapateiro.

E ali, na Sapataria dele, o samba dizia ‘presente!’.

Todo sambista sabia:

Dez horas da manhã, no barraco de Babalaô tinha samba.

Meio dia, tinha samba.

Meia noite, tinha samba.

Quatro horas da manhã, tinha samba.

Eram 24 horas de samba.

Uma permanente academia do samba, onde Chocolate da Bahia tanto aprendeu.

– ‘A bênção meu mestre Nelson Babalaô.’

Toda hora, ao se lembrar, Chocolate pede a bênção, que é do bom preceito na Bahia.

Não custa, é bom imaginar uma roda de samba ali, na Sapataria de Babalaô. Pode imaginar, minha senhora, meu senhor, vocês têm direito de imaginar: Camafeu de Oxóssi, Ederaldo Gentil, Paulinho Camafeu, Walmir Lima, Batatinha, Riachão, Vadu da Ribeira, Nelson Rufino, Edil Pacheco, Firmino de Itapuã e, claro, Chocolate da Bahia.

Universidade popular do samba, a música como ponto de unidade, o samba a unir corações e mentes.

E essa Universidade tinha um reitor, um regente: o sambista - sapateiro Nelson Babalaô.

A formar a notável escola de samba de rua da Bahia, nascida nos quintais, nas praças, nos mercados, nos terreiros e na Sapataria de Nelson Babalaô.

Desse samba de rua, Gilberto Gil dirá:

‘Chocolate da Bahia é um dos precursores e dos mais fogosos. Ele e sua turma de capitães de areia, ele e sua benigna vagabundagem de Água de Meninos e rampa do Mercado, ele e o Carnaval, ele e o mundo negro-mestiço da vida da Bahia, inventor de modas, de jeitos, de ondas que não se inventam porque são forjadas nos modos coletivos das feiras e dos mercados.’

E na Sapataria de Babalaô.

E aconteceu uma rainha na vida da Entidade.

Chocolate da Bahia não se assustou quando encontrou a rainha Elizabeth, a rainha da Inglaterra.

Está aí, viva para dar testemunho.

Encontrou-a em 1968 em visita à Bahia. E tocou berimbau no Mercado Modelo, por onde ela estava passando.

Compositor, começou alimentando artistas já consagrados, como Jair Rodrigues e Eduardo Araújo.

Em 1977, bota a cara na rua: grava o primeiro long-play pela Som Livre.

O título o apresentava: ‘Barraca do Chocolate (do Mercado Modelo da Bahia)’.

Obra de arte pintada por Caribé.

Textos de apresentação de Jorge Amado e Dorival Caymmi.

O que vale, dirá Jorge, é o povo e a cultura que o povo constrói.

E Chocolate é bardo do Mercado Modelo, completará.

Nasceu músico, sambista, e cresceu permanecendo nos limites de sua vivência fundamental.

Impressões da cidade, do trabalho em Salvador, a exploração dos capitães de areia, a miséria, a fome, a panela no fogo e a barriga vazia – é esse o universo das canções do Chocolate da Bahia.

Ele se identificava, se identifica com a maioria pobre de Salvador, do Recôncavo. Essa maioria de famílias numerosas, empurradas para as periferias, subúrbios da cidade, massa de trabalhadores com baixos salários, vítimas da crueldade capitalista.

Tudo isso, mas também no samba de Chocolate da Bahia, a alegria pede passagem, pobre também pode e deve ser alegre, senão como viver?

No samba, comemora-se a alegria de ser dono do corpo, das ruas, da noite, das madrugadas boêmias de Salvador, tão ricas.

O samba celebra a vida.

Nunca quis sair da Bahia.

Nunca quis afastar-se dos seus.

Tinha medos, confessa.

Apaixonado pelos filhos, pela mulher, tinha medo da distância, um medo horroroso de ficar longe dos seus.

Teve tentações, quem não as tem?

Cedeu: a fama o empurrava para o Sul.

Foi para o Sul, levou mulher e filhos.

A mulher logo disse: ‘quero voltar’, e ele voltou, mala e cuia.

Chegou a ir uma segunda vez.

A mulher disse: ‘quero voltar’, e ele voltou novamente.

Desistiu de tocar carreira no eixo Rio-São Paulo.

Confessa, alma exposta, diz, alto e bom som:

‘Havia em mim uma carência de carinho e afeto. Meus medos de dormir só, de enfrentar a cidade grande.’

E o menino assustado foi ficando na Bahia.

Para felicidade da Bahia.

E aqui, sempre se mexendo, arrumando jeito de ganhar a vida. Um jingle aqui, outro acolá, era o rei dos jingles. Uma música hoje, outra amanhã, ele ia se definindo, se afirmando:

‘Sou um toucinho, um pedaço de calabresa, estou sempre dentro da feijoada.’”

Chocolate nos apresenta agora um de seus jingles.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

E mais um jingle: “O metrô de Salvador.”

(Procede-se à apresentação musical.)

Eu encontro toda semana Chocolate aqui na Assembleia Legislativa, esse pátio da Assembleia virou para ele um novo espaço, um novo mercado, não um mercado da cultura, mas um mercado dos jingles onde ele aborda prefeitos, ex-prefeitos, lideranças, deputados. E aborda cantando, aborda declamando um poema, seduzindo as pessoas, isso é o jeito, é a boa malandragem, inata, de Chocolate da Bahia.

E há uns 5, 6 meses, quando Jaques Wagner desistiu de ser candidato, ele me encontrou aqui e começou a me indagar: “Deputado Robinson, como é que vai ser, o que é que vai acontecer?” Eu, de forma bastante direta e confiante, disse a ele: “Vamos ganhar de novo.” E ele não entendeu. Eu disse: “Lula, o povo está com Lula, o povo está com Rui, o povo vai estar com o candidato de Lula, o povo vai estar com o candidato de Rui.” E ele: “Quem é?” Eu disse: “Só falta o nome.” Duas semanas se passaram e ele me chega, depois do candidato escolhido, com a seguinte pérola.

(Procede-se à apresentação musical.)

Veja a genialidade, não era uma conversa, era um *briefing* da boa malandragem que ele tirava de mim para fazer essa obra-prima.

A seguir, Chocolate cantará trechos de suas composições.

(Lê) “*Teve canções gravadas por Martinho da Vila – ‘Não rolou, mas vai rolar.’*”

(Procede-se à apresentação musical.)

(Lê) “*Por Luiz Caldas – ‘Haja amor.’*”

(Procede-se à apresentação musical.)

(Lê) “*Por Chiclete com Banana – ‘Menina do Cateretê’, sucesso também com Nelson Rufino e Jair Rodrigues.’*”

(Procede-se à apresentação musical.)

(Lê) “*Muita coisa.*”

Para finalizar quero contar-lhes uma coisa da malandragem, da boa malandragem, a dar sempre bons dribles na ditadura,

Estou falando da Ditadura Militar, aquela que matou tanta gente, torturou meio mundo, desapareceu com tantos e que prendeu Caetano e Gil e fez com que fossem para o exílio.

(Procede-se à apresentação musical.)

(Lê) “*Chocolate da Bahia costuma lembrar:*

‘O Mercado Modelo era um quartel-general do desabafo.’

Sambava e desabafava.

E criticava os donos do poder.

Cultura é isso.

Antes de contar a malandragem, lembro-me da música de Chocolate da Bahia, “Ele guenta”, de 1978, da Som Livre, também boa malandragem:”

(Procede-se à apresentação musical.)

(Lê) “*Era assim, o Mercado Modelo, insubordinado, templo da cultura e da poesia.*

Vamos à malandragem com a censura.

Chocolate, atento ao mundo, atento à Ditadura, sem barulho, sem confronto, pensava poeticamente e poeticamente combatia.

Estavam lá, guardadas, a letra e a música.

A cobra mordeu Caetano.

Meados dos anos 1970, soltou.

Clara referência à Ditadura, e aos ditadores, já mortos, como Costa e Silva e Castello Branco.

Hoje, confessa:

‘Era música de combate à Ditadura, mas eles não perceberam.’

Pois é, malandro é malandro, Mané é Mané.

A música começa assim.”

(Procede-se à apresentação musical.)

(Lê) “Quer saber mais da cobra?

Fácil de achar e de ouvir.

Fato: o extraordinário Caetano está entre nós, continua a nos deslumbrar. Por ele, o povo brasileiro tem amor profundo, uma admiração sem tamanho.

Da Ditadura, só nos lembramos com tristeza e indignação.

Quando vejo isso, quando sei do samba, quando olho para essa admirável história de Chocolate da Bahia, quando reverencio essa entidade, percebo o quanto tem de espírito rebelde, de resistência. O quanto ela contribui para nossa identidade, sinto o quanto é poderosa – de modo especial, a cultura popular.

Toda forma de cultura vale a pena, mas a cultura nascida do nosso povo, nas nossas ruas, nos nossos mercados, nas nossas feiras, das cidades e das roças, é a verdadeira expressão do povo brasileiro.

Entende-se por que governos autoritários censuram e perseguem os artistas, de modo especial os artistas nascidos nas ruas, como Chocolate da Bahia.

Sorte nossa tê-lo aqui, firme e forte, com voz, força e poesia para contribuir com a cultura da Bahia.

Agradeço aos meus pares, aos demais deputados, que aceitaram promover comigo essa justa homenagem: entregar a Chocolate da Bahia a Comenda Dois de Julho.

É um justo reconhecimento à contribuição de um artista do povo à nossa querida Bahia.

Viva Chocolate da Bahia!

Viva a cultura brasileira!

Viva a cultura da Bahia!” (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Convido para compor a nossa Mesa o Sr. João Jorge, presidente do Olodum. (Palmas)

Assistiremos agora ao vídeo com o depoimento do cantor Gilberto Gil.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Convido para compor a nossa Mesa o Sr. Tonho Matéria, cantor e compositor.

Assistiremos a um vídeo com depoimentos.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Gostaria de registrar e agradecer a presença do deputado estadual Bira Corôa; de João Hipólito Rodrigues Filho, ex-prefeito de Abaíra; Dudu Pontes, ex-prefeito de Cândido Sales e atual diretor do Procon; Silviano Filho, diretor de Engenharia de Itapuã, perdão, diretor da Ganhadeira de Itapuã.

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Concedo a palavra ao Sr. Clarindo Silva.

O Sr. CLARINDO SILVA: Boa tarde a todos e a todas! Queria agradecer a Deus por este momento ímpar e histórico das nossas vidas. Por tudo o que já foi dito aqui, certamente, eu teria pouco para dizer. Até porque há outros tantos que têm muito para falar, porque falar de Chocolate é falar de história, é falar de cultura, é falar de arte, mas é, sobretudo, falar de um ser humano extraordinário.

Eu me lembro, Chocolate, de quando nós iniciamos a nossa grande batalha pela preservação do nosso querido Centro Histórico, o nosso Pelourinho, já nos idos de 71, com a Revicentro, você se fazia presente. Em 83, nós criamos o projeto cultural Cantina da Lua e a Festa da Benção, você, Batatinha, Ederaldo Gentil, Edil Pacheco, Panela, Nelson Rufino, Valmir Lima. Eu vou ficar por aqui senão eu me esqueço de alguém e vou ser injusto. Lembro-me muitas e muitas vezes, na véspera da Festa da Benção, nós não tínhamos uma grande atração e dizíamos: “Chocolate, a gente precisa de você.” Você dizia: “Aguarde-me, que eu chego.” Quando a gente fala na Festa da Benção – João Jorge, Tonho Matéria, Valmir Lima –, às vezes as pessoas ignoram a importância que teve aquele evento ao longo de mais de 30 anos.

Todos nós sabemos que, até a década de 40, o Pelourinho era o grande centro político, social, econômico e financeiro desta cidade. E a partir da Segunda Guerra Mundial, as ditas famílias tradicionais começaram a sair dali para o Corredor da Vitória, para a Graça, para a Barra. E a sociedade baiana começou a virar as costas para aquele lugar. Na década de 70, nós assistíamos, deputado Emiliano José, ao mais perverso processo de esvaziamento: saiu o Vitória Régia, saiu a Faculdade de Medicina, saiu o Instituto Médico Legal, saiu a sede do Incra, saiu a Academia de Letras da Bahia, fecharam o cine Santo Antônio, fecharam o Cine Popular, desativaram o Plano Inclinado Pilar, desativaram o *Chariot* do Taboão, houve um incêndio no Liceu de Artes e Ofício, tiraram a administração do estado, tiraram a administração do município, fecharam o Baneb, fecharam a Caixa Econômica. Eu vou ficando por aqui senão a gente ultrapassa os 4 ou 5 minutos que nos foram concedidos. Nós acreditávamos e passamos a mostrar à sociedade que o Centro Histórico era viável. E é por isso que, de 83 a 91, com vários parceiros... Eu citaria como um dos parceiros mais importantes, o Olodum. Eu digo sempre que o Brasil tem dois grandes embaixadores: Jorge Amado, através da sua literatura, e o Olodum, que com o rufar de seus tambores levou a nossa cultura e a nossa arte a quase todos os continentes deste mundo. (Palmas)

Fico muito preocupado ainda hoje porque parece que o Pelourinho é predestinado, a gente vai e consegue conquistas. Daqui a pouco essas conquistas recuam, e nós precisamos sobremaneira ver a importância daquele lugar.

Eu queria aproveitar este espaço, este espaço que é a Casa de todos nós e a Casa de nós todos, para dizer que, para o ano, se completam 200 anos da verdadeira independência dessa nação chamada Brasil, porque o 7 de setembro de 1822 não seria completo se, no dia 2 de julho de 1823, nós, aqui, baianos de Cachoeira, de Santo Amaro, dessa caminhada longa, não pudéssemos partir de Cabrito, de Pirajá, pelas estradas da Liberdade... Muito obrigado, já vou concluir, mas vou fazer de

conta que estamos num jogo de futebol e temos mais 3 minutos de prorrogação. (Risos)

E aí... e aí nós poderíamos ter a oportunidade de resgatar e de restaurar esses caminhos da história. Não é possível que nós continuemos vendo aquele lugar lindo e maravilhoso, que é o nosso Centro Histórico, com 1.400 ruínas, quando nós poderíamos restaurar para botar gente para morar.

Eu queria, agora, mais uma vez, fazer um apelo a esta Casa, esta Casa é composta de senhores e senhoras comprometidos com a nossa história: o Pelourinho precisa ser olhado como um espaço nosso. As pessoas dizem “O Pelourinho é inseguro”, é inseguro nada! O Pelourinho é, hoje, a área mais bem policiada da Bahia, nós temos, Vitória, um batalhão inteiro para segurança, uma delegacia de proteção ao turismo, 12 câmeras monitorando a área, e é o único bairro que tem policiamento 24 horas.

Então, é preciso que nós tenhamos essa consciência e nos apropriemos daquele lugar. Queria aproveitar a oportunidade e falar da nossa biografia, uma obra de Vander Prata que foi editada por esta Casa. Nosso nobre deputado, nós precisamos de uma terceira edição, o companheiro está mostrando ali o *Memórias da Cantina da Lua*, que está na sexta edição, mas nós precisamos da segunda e terceira edição. E a biografia... Eu não gosto de biografia, mas, por acaso, esta Casa tirou a primeira edição da nossa biografia, foram mil exemplares, e esgotaram, e agora nós estamos precisando de uma outra.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Muito obrigado.

Eu queria aproveitar e pedir: vamos nos apropriar do Pelourinho... Está chegando Lucas Batatinha, o ilustrador de *Conversa de Buzu*. Vamos aproveitar este momento e dizer que é preciso que nós nos apropriemos do Pelourinho, porque eu costumo dizer que o povo que não preserva o passado não vive o presente e jamais poderá construir um grande futuro.

Viva ao Pelô! Pelô vivo! E viva a Chocolate da Bahia! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Obrigado, Clarindo. Assistiremos a mais um vídeo com depoimentos.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Registro aqui e agradeço as presenças do grupo Samba de Farofa; de Angelimar Trindade, diretora da Associação das Baianas de Acarajé (Abam); da Associação Cultural de Capoeira Mangangá; de Márcia Novais, diretora de Políticas de Agronegócios da Seagri; de Vitória Régia Sampaio, do Movimento Exploesia, grupo de mulheres poetas; de Fredson Silva, vereador de Itaberaba; e de Fabrício Martinez, secretário de Agricultura do município de Itaberaba. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Concedo a palavra à historiadora e filha do homenageado Alessandra da Cruz. (Palmas)

A Sr.^a ALESSANDRA CARVALHO DA CRUZ: Boa tarde a todos e todas, é uma honra estar aqui falando um pouco sobre meu pai, esse mestre do samba,

Chocolate da Bahia. É uma grande honra e alegria poder fazer parte disso... Eu estava comentando ali com Emiliano que já não temos mais uma Mesa aqui, nós conseguimos, hoje, trazer um pouco daquele espírito do Barraco de Babalaô, no Mercado Modelo, daquela roda de pessoas mesmo que estão aqui convidadas, envolvidas, motivadas pela homenagem, pelo carinho ao velho Chocó, mas também pelo samba, pela cultura, pela política.

Veja o que Clarindo fez aqui, aproveitou esta tribuna, nesta Casa que pulsa política, e denunciou, e chamou a atenção para questões concretas que ele vive no seu cotidiano. Isso constitui Chocolate também, o seu samba nunca foi um samba ingênuo para adormecer ou embalar os homens da casa-grande, sempre foi uma voz rouca para gritar a fome, a barriga vazia, a pobreza com poesia, com graça, dissimulando um pouco essas injustiças que ele vive, infelizmente, ainda hoje.

Eu quero agradecer à minha família, que me confiou este papel aqui, estou representando todos eles, não só a família de sangue, minha mãe linda, as mestras que influenciaram e formaram Chocolate para ser sambista. Primeiro, minha avó, a gente falou de muitos homens, não foi? A gente falou de muitos mestres aqui, homens, esquecemos dessas mulheres que também são as verdadeiras responsáveis por guardar, por preservar esse patrimônio cultural de que a gente está falando.

E Chocolate está aqui, hoje, muito pelo homem que ele é, pela pessoa que ele é. Se, ao longo da sua trajetória, ele não foi para o Rio e São Paulo, não conseguiu ficar no frio... Ele tem um samba que é *Samba em Plena*... eu esqueci o nome, *Não Venha, Não*... Como é, meu pai, o nome desse samba? Ele canta: “*Não venha, não, que esse samba é mentira...*” *Samba de Mentira!* “*Não venha, não, que esse samba é mentira. Não venha, não*”, que foi escrito exatamente no momento em que ele estava, isso que Robinson falou aqui, tentando levar uma vida em São Paulo, tentando acompanhar um caminho que era quase que obrigatório para se fazer sucesso.

Infelizmente, às vezes, ainda que de forma perversa, se mantém assim essa indústria do entretenimento, essa indústria da música. Então, ter que sair, ter que corresponder a um programa, a uma agenda que ele nunca conseguiu, felizmente, como Emiliano e Robinson captaram muito bem, felizmente, na minha visão... Ele ficou... ele ficou preso aos seus limites, a esta Bahia, alimentando esse samba, mas se ele não foi, ele nunca desestimulou os outros, ele sempre os incentivou: “Vão, e vão longe, levem longe a sua canção, a sua música”.

Estou muito grata não só à minha família de sangue e a essas mestras, essas mulheres responsáveis, muitas delas, responsáveis, sim, tanto pela preservação desse patrimônio, que está aqui, as nossas ganhadeiras lindas e essas baianas que estão até hoje lutando por esse samba... Mas nós somos exatamente aqueles que fazem ainda hoje, tornamos vivas essas memórias e essas práticas que vêm de muito longe, que vêm da África, que vêm de muitos séculos atrás.

Durante quase 300 anos, a gente viu uma experiência trágica de escravização de quase 2 milhões de africanos nessa diáspora da África para o Brasil, e a Bahia recebeu, os portos de Salvador e do Rio receberam as quantidades mais representativas dos africanos escravizados. Essa travessia, que é de dor, que é de muita violência, não tem nada romântico nesse processo, ela nos deu também muita

força, uma capacidade imensa de resistência, de guardar as nossas ganhadeiras durante todo o processo de escravização, lutando, lutando por suas alforrias, as suas e a dos seus filhos, e não necessariamente filhos do samba, mas filhos daquela dor e daquele processo absurdo que a gente tem sempre que lembrar para que ele não volte a acontecer.

E Chocolate é filho disso, é filho dessa África e desses povos originários, porque aqui chegando, nesta terra que está aqui no Brasil, a gente já tinha milhares de indígenas de diversas nações, há muitos anos. A Arqueologia está aí mostrando mais de 40, mais de 50 fósseis no Piauí, e ele foi lá no Piauí trazer Rosângela para dar duas netas lindas a ele. A Serra da Capivara está lá com fósseis, mostrando que essa presença humana está aqui na América há quase 100 mil anos. Então, temos a África e essa América, continentes milenares, com culturas belíssimas, e Chocolate e um pouco de todos nós somos filhos e frutos desses povos e dessas culturas.

Eu não sei quanto tempo eu tenho, eu vou ser bem breve porque eu quero ainda convidar Inaiê para cantar uma canção para mim em homenagem ao avô.

Chocolate herda a responsabilidade de levar adiante essa cultura, essa história e esse patrimônio, que é o samba. Robinson, com muita sensibilidade, junto com Emiliano, conseguiu trazer para vocês um pouco da história da vida dele, a trajetória, o quanto as rodas do Mercado Modelo, mas também essa mulher que aparece aí, minha avó, e diversas outras mulheres, como eu falei das ganhadeiras, foram muito responsáveis por informar a ele versos, cantigas e sambas, que é um dos elementos mais constitutivos da arte dele, dessa forma de compor.

Pronto, deixa eu ir concluindo. Então, eu estou muito feliz e honrada, ele também, além de ser excelente poeta, cantor, é alguém que, dentro dos seus versos – porque ele não faz nada de original, porque isso constitui muito do samba e da música feita pelo povo –, canta muitas dessas... ele canta as contradições que ele viu, viveu, e que seus ancestrais viveram, e denuncia esses antagonismos que existem até hoje.

Pronto, eu paro por aqui e eu gostaria de convidar Tiago e Inaiê para cantarem uma canção em homenagem a meu pai.

Obrigada, gente, por me ouvir. (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Assistiremos a um vídeo do texto de Jorge Amado para Chocolate da Bahia.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

Registro e agradeço as presenças de Artur e Lucas, filhos do grande Batatinha, bem-vindos! Neste momento, convido a esposa do homenageado, Sr.^a Zorilda Carvalho da Cruz, D. Zó, para, em nome do Poder Legislativo, fazermos a entrega da Comenda Dois de Julho ao cantor e compositor Raimundo Nonato da Cruz, Chocolate da Bahia, que lhe concede a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Convido o imortal escritor Emiliano José para entregar uma homenagem a Chocolate, ele que biografou nada mais, nada menos que Carlos Marighella e Waldir Pires e hoje entrega uma minibiografia de Chocolate como recordação deste nosso ato solene de hoje. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Como ele não está se aguentando mais aqui, várias vezes já me pediu: “Que horas eu vou falar?”, anunciando antes, porém, a presença – e agradecendo – do deputado Jurandy Oliveira, concedo, com muita satisfação, a palavra ao nosso homenageado, o cantor e compositor Chocolate da Bahia. (Palmas)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Boa tarde, meus amores!

(Participantes da sessão respondem: “Boa tarde!”) (Palmas)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Com toda a sinceridade do meu coração, eu já falei, já cantei para a Arena Fonte Nova com 100 mil pessoas. Eu percorri os 417 municípios da Bahia cantando para multidões de 10 mil, 15 mil pessoas, com personalidades, presidentes, ministros etc. etc. Mas nunca fiquei tão feliz como estou aqui hoje. (Palmas) Estou feliz, muito feliz! (Palmas) Mas é um exagero de felicidade, é um tamanho de felicidade que eu nunca tinha experimentado.

Estou feliz porque está aqui, nesta Casa, hoje, a minha esposa, com quem tenho 55 anos de casado. Cadê ela? São 55 anos com ela fazendo mingau para Chocolate da Bahia.

Estão aqui meus filhos. São seis que estão aqui hoje, outros que estão fora e outros, vamos dizer assim, não identificados. (Risos)

Meus netos estão aqui e, ainda, o bisneto. Eu gostaria só que apresentassem meu bisneto para essa gente. Suspenda aí meu bisneto, rapidinho. E meus filhos, aqui, rapidinho, para que o povo conheça a família do Chocolate que, verdadeiramente, é uma família bonita. Tiago, chega aqui, rapidinho, meu filho, por favor. Esse daqui também é filho. Venha com meu neto, meu bisneto, que é alemão. É alemão o bisneto.

Olha aí a caravana de neto. Tudo neto, olha aí! A que cantou é neta, é a geração que vai sustentar o Chocolate. Tudo aí é neto e ainda tem um monte. Essa foi a que cantou; essa é a filha que é professora da Universidade Católica do Salvador, a Janaína, cadê ela? Janaína, levante a mão aí! A Janaína, formada em Economia. Chocolate não tem o curso primário, mas se esforçou para colocar os filhos na escola, entendeu? Fazendo jingle, fazendo isso, no Mercado Modelo, tocando o berimbau. Eu trouxe um berimbau gostoso para tocar. Cadê Aristides? Está aqui o mestre Aristides? Aristides está chegando ainda?

Essa também é filha, Adriana, que é ourives, é artista plástica e trabalha nas feiras. Jade, por favor! Tudo aqui é muito rápido porque o tempo é curto. Jade é modelo, faz faculdade de Comunicação, é minha neta. E meu bisneto. Bota a cara desse moleque aqui, me chamou de (Expressão retirada a pedido da Presidência.). (Risos) Esse cara. Ele entrou lá em casa e xingou: “Vovô, se você (Expressão

retirada a pedido da Presidência.) eu vou embora, viu?” (risos) Mas é uma alegria! Esse é que é o motivo da minha alegria. O Tiago, bote ele aqui, chegue aqui.

Como dois e dois são quatro, o meu grande ídolo na música, principalmente de jingle, de música popular, é Nelson Rufino, que está ali. Nelson Rufino é meu orientador, sabe? Que me deu o mestrado, etc. etc. É o maior poeta da Bahia, na minha concepção:

(O orador canta: *“Descobri que te amo demais/ Descobri em você minha paz/ Descobri sem querer a vida/ Verdade.”*)

Cadê Rufa? Levanta a mão aí! Nelson Rufino, que fez o sucesso todo do Zeca Pagodinho e de outros e outros e outros. Mas esse é meu amigo, meu irmão. A gente chama um ao outro de “meu amor”. Meu amor para lá e meu amor para cá. Ele tem um defeito: ele vai à minha casa e destampa as panelas, se estiverem vazias ele enche todas elas. (Palmas)

Tiago, venha cá. Então, Waltinho Queiroz, que apareceu ali, foi meu ídolo na arte de fazer jingles, mas hoje eu tenho que tirar o chapéu para este filho, que é o melhor compositor, na minha visão, atualmente, o Tiago. (Palmas) Ele só deu uma mancada, no Dia dos Pais, todos os filhos levaram uma camisa, um blazer, uma calça, qualquer coisa. Aí Tiago chegou e eu disse: “O que é que trouxe para mim? Um pix, qualquer coisa, não sei, um dinheirinho?” Ele disse: “Eu trouxe uma música para o senhor, meu pai.” Ele aí cantou uma canção. Cante a primeira parte aqui, Tiago.

(Procede-se à cantoria.) (Palmas)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Essa é a minha rainha! Essa criatura... faça o favor, chegue para cá. Olhe, essa é a minha mulher, 55 anos de casados, fora os namoros, e a gente dorme um beijando o pé do outro. Eu posso paquerar na rua, mas... Paquerar ela sabe que eu sou paquerador (risos), mas ela fez uma letra que eu digo assim:

(O orador canta: *“Eu já fui namorador/ Hoje eu não namoro mais/ Quando alguém me dá ‘psiu’/ Meu olhar faz que nem viu/ Nem sequer olho pra trás/ Eu já fui namorador”*) (Palmas)

Então, esse Mercado Modelo, que foi tão falado aqui, me deu a oportunidade de conhecer estrelas do mundo inteiro, artistas, jogadores de futebol, políticos. Foi uma escola de tudo o Mercado Modelo. Eduardo Araújo gravou música minha, Jair Rodrigues gravou e vários, vários, vários.

Um dia, chegou também um cidadão que disse: “Esse é o compositor tão falado, faça uma música para mim”. Eu disse: “É claro que eu faço, governador.” Sabe quem era? Antônio Carlos Magalhães, para a Cesta do Povo. Eu fui para casa e eu disse: “Ele pediu para fazer uma música.” Aí um cara disse: “Rapaz, faça que você vai se dar bem”.

Eu cheguei no outro dia, logo de manhã:

(O orador canta: *“Eu quero meu povo, nesse ano novo, com mais alegria/ Comprando barato na Cesta do Povo, que é da Bahia/ A Cesta do Povo quebrou o ditado que vovó dizia...”*)

(Os participantes da sessão respondem: *“...Que a vida do pobre é panela no fogo e barriga vazia...”*)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Viva a cesta do povo! Olhe, não tem um deputado, nenhuma prefeitura que não tenha uma canção do Chocolate. A Assembleia tornou-se, assim, um local de confraternização. E tem uns deputados... Cadê Jurandy Oliveira? Está aqui, não está, Jura? Jurandy Oliveira, no dia que eu me internei no Córdio Pulmonar, e que era caro, eu cheio de problemas e sem poder, Jurandy chegou e fez assim: “Eu acho isso uma falta de vergonha, uma falta de vergonha da Bahia, o Chocolate da Bahia não ter um plano de saúde.” Esse deputado que está de cabeça branca, aquele dali. Me levou no gabinete e me deu o plano de saúde, Planserv. (Palmas) Ele só tem um negócio que eu não gosto – e vou dizer aqui, viu Jurandy? –, é que ele vai todo dia no restaurante e paga meu almoço. (Risos) Obrigado, Jura!

Bira Corôa, meu amigo, meu irmão. (Palmas) Está tanta gente aqui! Eu quero agradecer, em nome desse vizinho meu, porque ele é favelado, mora na favela, Robinson Almeida, aquele homem bonito ali, que já foi tanta coisa, secretário de não sei o quê, etc. Ele passa, realmente, todo dia, malhando e fica me incentivando, eu com essa barrigona, para eu sair atrás dele. Ele moderno, a mulher gata, personal trainner, bonita e ele: “Vambora, vambora!” e eu digo: “Tô indo, tô indo”. Mas é uma pessoa que me enche de carinho diariamente, na Assembleia. Quando eu o vejo eu digo: “Eu não estou sozinho.” Robinson Almeida. (Palmas) Eu gostaria que Deus e Oxóssi, que hoje é o dia dele e eu estou com a guia dele aqui, que ele o traga de volta para o ano a esta Casa. E quero ser um subdeputado, que é um cargo que você criou: “Quando não estiver no gabinete, Chocolate, você vai sentar nesta cadeira, já está às minhas ordens.” Mas como as pessoas só chegam lá também para pedir, pedir e eu não tenho nada para dar, aí eu corro do gabinete.

Todos os artistas, as pessoas presentes aqui, meus colegas artistas, esse cara que está aqui de paletó marrom é o dono da W4 Comunicação, é quem faz a propaganda de várias prefeituras, da câmara municipal, são propagandas criativas. A agência dele tem um slogan que diz assim: *Especialista em ideias que dão resultado*. É uma agência que eu podia chamar de minha, porque eu entro e faço a agência de gato e sapato. Obrigado, Robson, por você estar aqui assistindo a essa coisa bonita.

Dudu, o melhor policial federal, premiado da Polícia Rodoviária Federal, ex-prefeito de Cândido Sales. É Dudu que está ali? Não é Dudu que está aqui? Estava aqui agora Dudu, prefeito de Cândido Sales. Amigos meus vereadores; os filhos do meu amigo, parceiro, Batatinha; Gerônimo, que está ali. (Palmas) Levanta o braço para verem que é a cara de Batata, levanta aí, Arturzinho. Gerônimo, que é um ser humano... Vocês o conhecem de Oxum, de música. Não! Gerônimo tem um coração...

(O orador canta: “*O coração de Gerônimo é do tamanho de um trem/ De tanto fazer amigos, de tanto fazer o bem/ De tanto fazer amigos, de tanto fazer o bem/ O coração de Gerônimo é do tamanho de um trem*”). (Palmas)

Tadeu Mascarenhas, dono de estúdio, é quem grava as minhas músicas e quando eu não tenho o dinheiro ele também grava. (Risos) “Chocolate, esse negócio de música de político, depois o político não paga e eu não recebo.” Eu digo: “Vai gravar ou não vai?” Ele diz: “Pode vir”. E aí é uma corrente de pessoas, porque

ninguém vive só. Esse safado que está aqui, levanta o braço aí, você, fotógrafo. Ladrão, viu? Rouba meu isqueiro. Ele pede um cigarro, pede o isqueiro e quando eu procuro, já foi, trabalha na Casa. Ladrão de isqueiro.

Walmir Lima que gravou também uma música bonita minha:

(O orador canta: *“Não deixe essa noite clarear/ Não deixe essa noite clarear/ Essa noite está tão linda, meu amor/ Não deixe essa noite clarear/ Eu sei que amanhã é um novo dia/ E eu sou tão pobre, eu preciso trabalhar/ O que me importa a pobreza do amanhã/ Hoje eu sou rico de amor/ Não deixe essa tarde terminar.”*) (Palmas)

Nelson Rufino que gravou... Cadê meu amigo Gerônimo? Ele que fez uma música bonita, e eu fui parceiro dele, que é a música homenageando aqueles homens corajosos que são (Expressão retirada a pedido da Presidência.) e não têm vergonha de dizer que são (Expressão retirada a pedido da Presidência.) Correto, Gerônimo? Chega aqui, Gel. Venha cá! O autor de *“Nesta cidade todo mundo é d'Oxum...”* Não, eu vou cantar a dos (Expressão retirada a pedido da Presidência.) mesmo. Minha filha que é professora da Católica, ela fica me censurando: “Meu pai, não cante aquela, não cante aquela outra...” e Gerônimo, diz: “Cante tudo que você quiser. Você pode”.

Orador não identificado: Eu vou puxar e você vai fazer...

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Pode ser. (Procede-se à cantoria) (Risos)

Olha, sabe de uma coisa...

Está aqui meu sobrinho... Outra minha e de Gerônimo:

(O orador canta: *“São Jorge é bonito, Odé/São Jorge é bonito, Arô/São Jorge é o rei do mundo/São Jorge é nosso protetor/São Jorge traz pra casa a caça/São Jorge traz pra casa o amor/São Jorge é rei é rei, Odé/São Jorge é rei, é rei, Arô/Caça, caça, caça, caçador/Caça eu quero ver você caçar, oi/Caça, caça, caçador da sua estrela, a rainha do mar/Lugar de sereia é no mar/ Lugar de sereia é no mar/O que é que essas mulher faz aqui nesse lugar”*.) (Palmas)

As Ganhadeiras de Itapuã!

Gerônimo, só um pedacinho de *É D'Oxum*, só um pedacinho.

(Procede-se à cantoria.)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Obrigado, Gerônimo! Palmas para Gerônimo, gente. (Palmas)

O Sr. Gerônimo: Oh, só vou dizer uma coisa, homenageando esse grande poeta que eu respeito e admiro: Letieres é da tribo dele, olha a cara dele. (Palmas)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Eu tenho um filme com Letieres, a gente no Bonfim, ele vivo, chorando e falando tanta coisa bonita, eu para ele e ele para mim, são essas...

Cadê Rosa? Venha cá, Rosa, você foi considerada a mulher mais bonita do Brasil. Todos os arranjos do Tchan quem fez o irmão dela, Nonato. Todos, todos os arranjos. Agora está com o Chiclete, mas já foi de Ivete, de tudo quanto é canto, porque ela não já faz aquela música que ela vai cantar para mim?

A Sr.^a Rosa: Posso cantar um jingle seu?

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Pode cantar um *jingle* meu.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Clarindo, Deus lhe pague.

Ô! Nelson! Está faltando você aqui! Já chamei três vezes, meu amor. Por favor, Nelson Rufino, aqui, senão eu vou...

O Sr. Clarindo Silva: Nelson, venha!

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Não. Venha aqui, só aqui.

O Sr. Clarindo Silva: Só para tirar um retrato. Oh! Eu estou tirando um retrato com a gente aqui.

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Olha! Não é "tirando onda", não, que ele não "tira onda", não, viu? Ele é de uma... Um dia eu estava precisando, olha, de um dinheiro grande. Ele fez: "Eu não tenho esse dinheiro todo, mas tenho quem vai dar o dinheiro a você". Aí, me levou na casa de Martinho da Vila, que gravou uma música minha e eu ganhei R\$ 120 mil. Esse cara que está aí, esse moleque feio... Cadê ele? Está passando o tom.

(Procede-se à apresentação musical com o convidado Clarindo Silva.)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Olha! Deixa eu falar também, é rapidinho. Já matou a minha fome na Cantina da Lua. Pronto!

O Sr. Clarindo Silva: Essa gravata (Coloco-a no pescoço de Chocolate da Bahia) é em homenagem aos nossos antepassados, coisa que sabiamente nossas avós, nossas bisavós, minha mãe faziam com os retalhos que sobravam das costureiras, viu?

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Meu abraço, meu irmão.

O Sr. Clarindo Silva: Eu acho que você não está... eu me sinto... Eu acho que este momento é o momento em que os músicos, os compositores, os artistas desta terra se sentem devidamente representados, porque esta Casa está homenageando uma das maiores referências culturais deste país em vida. (Palmas)

Esse negócio de homenagear de morto... Eu subo sempre a Bahia Pinheiro, aos meus amigos que homenagear as pessoas em vida. Depois que partem para outro plano, a gente reverencia a memória, mas homenagear, tem que homenagear em vida.

Viva o Pelô! Mais uma vez, o Pelô vivo! E viva Chocolate da Bahia!

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): E viva Jorginho do Olodum, essa pessoa maravilhosa. Porque eu vi nascer o Olodum no esforço dele. Ele cresceu muito com o Olodum. Ele é internacional porque o Olodum é a entidade mais famosa lá fora, não é? Caetano, Gil, essa turma toda é por aqui, um pouco lá fora, mas o Olodum é universal. E ele continua sentado no Pelourinho, lendo e comendo feijão incubado na Cantina da Lua.

O Sr. Nelson Rufino: Ele está ultrapassando tu, cara.

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Não, você vem falar. E eu quero que você fale e cante uma música.

(Procede-se à apresentação musical com o convidado Nelson Rufino.)

O Sr. Nelson Rufino: Eu desconhecia. Eu não lembrava mais daquele depoimento. Já falei tudo o que tinha direito sobre você. Ele me deu um presente lindo: "*Chuva Santa*".

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Este é meu amor, meu amor, Nelson Rufino. Obrigado, Rufa, obrigado. Rufa, seu presente de Natal eu já lhe dei. É aquela pessoa que está ali, Rosa, da Capivar Comunicação. Essa amizade dele vale ouro. Jorginho, valeu a sua presença, pai! Eu sou seu fã, você sabe, de sua mulher e de seus filhos... aliás, da ex. Tem que falar para não... Daqui a pouco aparece...

A menina de Capitão Tadeu está aí? Tonho matéria é meu intérprete. Olha a música que você faz: "*Baiana*". Para Dinha do Acarajé que a gente fez.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Esta é minha neta, é advogada, com OAB, e trabalha no Ministério Público. Cuidado com ela, porque é perigosa. Não é boba, não. Ela diz: “Dura lex, sed lex, meu avô”. Você sabe o que é? Dura lex, sed lex é inglês. Porque o Mercado Modelo me ensinou a falar francês, inglês, german deutsch (alemão) e outros.

E essa daqui parece que é polícia, fica me censurando. A censura está aqui.

A Sr.^a Alessandra Cruz: É o horário.

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): O patrão, que é Robinson Almeida, não está dizendo nada, está mandando eu levar o barco. Está dando ibope, Robinson! Sabe o que me disseram ali? Que se fossem pagos mil reais de ingresso, a pessoa disse que compraria no cartão, mas estaria aqui, assistindo a esse blá, blá, blá.

Quem gostou aí bata palmas! (Palmas)

Quer melhor do que isso? Diga a essa filha minha que não venha mais nos meus eventos. Vou cantar uma música agora que você não gosta, só para contrariar.

(Procede-se à execução musical.)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Ela não gosta, não. Ela tirou do meu repertório essa música: “Não vai nessas porcarias, não, que mete traficante no meio”... É verdade, ela é censura, e eu, só a pulso, tenho que ver. Ela entra no meu quarto: “Minha mãe, deixa ele dormir”. É uma filha... Quem vê assim pensa que ela é mesmo a minha filha, mas, na verdade, é muito mais a minha mãe, essa criatura.

Ela pediu para eu cantar uma música, acabei não cantando.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. RAIMUNDO NONATO DA CRUZ (Chocolate da Bahia): Emiliano José, Deus lhe pague pelos textos – minha filha me entrevistou –, onde você conta toda a sua história quando esteve preso. Emiliano José, uma história viva da Bahia, para quem não sabe.

Por isso que está vendendo ingressos do lado de fora, aí, sabia? Tem um cambista vendendo ingressos para entrar.

Robinson, Deus lhe pague, de todo meu coração.

Ana Guerreiro, minha irmã querida, você que é enfermeira e médica do povo pobre, lembre-se que Robinson Almeida é o meu amor.

Obrigado a todos vocês, de coração!

Quem for político, me procure, que tem uma música de presente.

Valeu, Isidório, valeu, meu Sargento Isidório!

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Depois desse show gratuito, sem cobrar ingresso, nem pedir pix, vamos, aqui, concluir a nossa sessão.

Eu convido todos os presentes para ouvirmos o Hino da Bahia, cantado por Rosa Nonato. (Palmas)

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

Viva a Bahia! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida Lula): Viva! Viva Chocolate da Bahia!

Em nome da Assembleia Legislativa, agradeço pela presença às autoridades civis e militares, amigos e familiares do homenageado, às Sr.^{as} e Srs. Deputados, à imprensa.

Declaro encerrada a presente sessão.

O homenageado receberá os cumprimentos no saguão do Plenário.

Uma boa-tarde a todos. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.